

## FENOMENOLOGIA, MUNDO-DA-VIDA E CRISE DAS CIÊNCIAS: A NECESSIDADE DE UMA GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA

*Phenomenology, life-world and crisis of sciences: the need for a phenomenological geography*

Tommy Akira Goto<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo tem como proposta apresentar a constituição de uma “geografia fenomenológica” a partir da crítica fenomenológica que Edmund Husserl (1859-1938) promove à ciência moderna, exposta nos seus últimos escritos denominados “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”. Nesses escritos Husserl denuncia a crise de sentido vivida pela filosofia e ciência moderna, evidenciando o quanto o distanciamento entre as ciências e o mundo-da-vida produziu consequências graves, desvinculando do interior delas questões que concernem à humanidade e à sociedade. Husserl encontra como única saída para a crise a Fenomenologia Transcendental, cuja intenção é recuperar a ordem espontânea, o sentido e a orientação da existência humana, retomando o rol da subjetividade transcendental, expostas nas evidências pré-científicas e pré-lógicas do mundo-da-vida (*Lebenswelt*). No caso específico da geografia como ciência moderna, como argumentaria Husserl, impõe-se também a necessidade de se constituir uma nova geografia, capaz de retomar o sentido da humanidade, a partir de um saber geográfico unificado. Essa geografia recuperada pelo ideal de ciência, refundada pela fenomenologia husserliana, pode ser chamada de Geografia Fenomenológica ou uma Geografia Eidética, cujo intuito está na recondução da reflexão aos princípios constituintes da realidade, ou seja, a subjetividade e o mundo em sua plena correlação.

**Palavras-chave:** Crise das Ciências. Edmund Husserl. Fenomenologia Transcendental.

<sup>1</sup> Professor Adjunto I da Universidade Federal de Uberlândia. prof-tommy@hotmail.com.

✉ Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia, Av. Pará, 1720, Bairro Umuarama, Uberlândia, MG. 38400-902.

### ABSTRACT

The paper aims to present the constitution of a “phenomenological geography” from the phenomenological critique that Edmund Husserl (1859-1938) promotes about modern science, exposed in his last writings called “The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology.” In these writings Husserl denounces the crisis of meaning experienced by modern science and philosophy, showing how the gap between the sciences and the lifeworld (*Lebenswelt*), has produced serious consequences, especially because the modern sciences excludes from their discussion the humanity and society issues. Husserl sees the Transcendental Phenomenology as the only way out of the crisis, whose intention is to recover the spontaneous order, the sense and orientation of human existence, resuming the role of transcendental subjectivity, exposed in the evidences pre-scientifics and pre-logical of the lifeworld (*Lebenswelt*). In the specific case of geography as modern science, as Husserl would argue, it also applies the need to establish a new geography, able to regain a sense of humanity, possible from a unified geographic knowledge. This geography recovered by the ideal of science, refounded by Husserlian phenomenology, can be called a Phenomenological Geography or Eidetic Geography, whose purpose is to reconduce the reflection of the principles constituents of reality, in other words, the subjectivity and world in its full correlation.

**Keywords:** Crisis of Sciences. Edmund Husserl. Transcendental Phenomenology.



## INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo apresentar brevemente a constituição de uma “geografia fenomenológica”, mas tendo como motivação originária a crítica fenomenológica que Edmund Husserl (1859-1938) promove à ciência moderna, em especial a positivista, exposta nos seus últimos escritos denominados “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” (“Crise”). É principalmente nesses escritos que Husserl denuncia explicitamente a crise de sentido e da razão da filosofia e ciência positivista, evidenciando o quanto o distanciamento entre as ciências e o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) produziu consequências graves, desvinculando do interior delas questões que concernem à humanidade e à sociedade. Husserl encontra como saída para a crise da humanidade a Fenomenologia Transcendental, cuja intenção é recuperar e restaurar a ordem espontânea da vida, o sentido e a orientação da existência humana, retomando a subjetividade transcendental, expostas nas evidências pré-científicas e pré-lógicas do **mundo-da-vida**.

No caso específico da Geografia que se tornou ciência moderna/positiva, como argumentaria Husserl, impõe-se também a necessidade de se constituir uma nova geografia, mais humana, capaz de retomar o sentido da humanidade, a partir de um saber geográfico unificado. Essa geografia recuperada pelo ideal de ciência, refundada pela fenomenologia husserliana, pode ser chamada de **Geografia Fenomenológica** ou **Geografia Eidética**, cujo intuito está na recondução da reflexão aos princípios.

Como exemplo de análises fenomenológicas com temáticas geográficas e cuja análise ultrapassa as questões relativas à crise da ciência e da filosofia, trazemos dois textos de Husserl, publicados postumamente, que mostram algumas fontes originárias de interesse

à Geografia, tais como: a geometria (espaço), a natureza (cosmos) e a Terra. O primeiro texto é um anexo da “Crise”, publicado em 1939 por Eugen Fink, denominado “A Origem da Geometria” ou “A questão acerca da origem da geometria como problema intencional-histórico” e o segundo texto, refere-se a um “opúsculo” publicado em 1934, cujo título é “A Terra não se move”.

## A CRISE DAS CIÊNCIAS E A FENOMENOLOGIA TRANSCENDENTAL

A reflexão sobre a crise das ciências apareceu explicitamente nos últimos escritos de Edmund Husserl (1859-1938) que foram reunidos na obra “A crise das ciências europeias e a Fenomenologia Transcendental (HUA VI)”. Esses escritos datam dos anos de 1934 a 1937, período em que Husserl sensivelmente denunciou uma “crise” que percebia atingir toda cultura científica europeia. Ainda, nesses escritos Husserl chamou a atenção sobre questões epistemológicas que considerou urgente: o objetivismo científico; a crise das ciências e da racionalidade; o esquecimento, por elas, do **mundo-da-vida** (*Lebenswelt*)<sup>2</sup> e a possível solução para essas questões: a Fenomenologia Transcendental. Na abertura do texto, questiona Husserl: “É possível falar seriamente de uma crise pura e simples das nossas ciências?” (HUSSERL, 2012, p. 1). Em síntese, podemos dizer que Husserl atribuiu a crise da humanidade às ciências, justamente por elas não promoverem questionamentos radicais sobre a sua cientificidade ou sobre suas aplicações tecnológicas.

Assim, seria por acaso legítimo e oportuno falarmos em crise das ciências quando estas desfilam conquistas, inauguram referenciais de progresso? Em que consiste exatamente esta crise das ciências e da racionalidade? Ainda, que racionalidade é esta a que problematiza

<sup>2</sup> “*Lebenswelt*” é uma palavra alemã que optamos por traduzir em português pelo termo “mundo-da-vida”, uma vez que não há uma palavra equivalente.

Husserl? A análise dos últimos escritos deixados pelo filósofo, bem como das diversas obras de seus comentadores, sugerem que seu pensamento foi finalmente empregado com o intuito de se chamar a atenção para o fato da ciência moderna ter se distanciado do **mundo-da-vida**. E, que ao se constituir assim se transformou em ciências de fatos, situação inflada pela recusa destas pelas questões relativas às perguntas últimas e supremas, outrora mantidas e cultivadas pela filosofia.

Na acepção de Husserl (2012), o objetivismo ou a “redução objetivista” que domina as ciências modernas, determinou uma dissolução interna como ciência mesma, por ter deixado de lado os problemas que afetam o sentido da existência humana (*Lebenskrise*). Isso gerou o distanciamento entre as ciências e o mundo de sentido do homem (a própria vida), produzindo, assim, consequências graves como a desvinculação das questões que concernem à humanidade e à sociedade. Escreveu Husserl em 1937 que na “urgência da nossa vida – ouvimos – esta ciência nada nos tem a dizer. Ela exclui de um modo inicial justamente as questões que, para os homens nos nossos desafortunados tempos, abandonados às mais fatídicas revoluções, são as questões prementes: as questões acerca o sentido ou ausência de sentido de toda esta existência humana”. (HUSSERL, 2012, p. 3).

A crise denunciada por Husserl (2012) não significa uma crise no interior das ciências em que se questione seus critérios de cientificidade, método, aplicação ou coisa assim, por lá vai tudo bem, diríamos. O que está em crise é “a relação das ciências com ideias que o homem tem de si mesmo e com o projeto de vida, segundo o qual funciona” (HUSSERL *apud* GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 34). Assim, para o filósofo, a crise se manifesta em sintomas de desorientação sobre o sentido da vida e das histórias humanas; no rompimento da tradição humanista europeia; na decadência da filosofia como ciência fundamental; na

perda de unidade das ciências. Em suma, a crise remonta a todo um sistema de valores e de ideias sobre as quais se constituiu a chamada modernidade.

A modernidade se desenrolou, em síntese, em uma proposta de explicitar e de compreender a subjetividade humana a partir da racionalidade científica e, principalmente, pela utilização da técnica nesse empreendimento. O radicalismo desse processo foi absorção do objetivismo naturalista como fundamento primeiro que, além de desencadear a oposição entre subjetividade/objetividade, afetou os saberes humanitários e a própria vida. Devemos compreender a vida não exclusivamente como um processo biológico e natural, como afirma o filósofo Michel Henry, mas sim “a vida que se sente e se experimenta a si mesma, de modo que não há nada nela que ela não experimente e não sinta”, isto é, “a vida fenomenológica absoluta cuja essência consiste no próprio fato de se sentir ou de experimentar a si mesmo e não é nada mais, o que, ainda, denominaríamos subjetividade”. (HENRY, 2012, p. 27).

A problemática da crise é apresentada por Husserl (2008) como resultado de uma época em que a filosofia sentiu-se seduzida pelas conquistas das ciências naturais, mais precisamente com as conquistas científicas desde Galileu Galilei e com o uso do método matemático-físico como acesso à realidade. A filosofia, por sua vez, deslumbrada, passou a dar crédito ao método natural, aceitando e generalizando para toda a existência, seja externa ou interna, a mesma concepção de realidade efetiva, tendo como consequência última a naturalização das ideias, inclusive da consciência.

Nas análises de Husserl (2008) este desvio se evidencia a partir da filosofia de René Descartes, principalmente em sua interpretação dualista da realidade entre *res cogitans* e *res extensa*, tendendo a difundir-se em função da segunda que, conseqüentemente, fez com

que o *res cogitans* fosse também reduzido a *physis*. Posteriormente, com a herança do idealismo alemão em declínio, representados por Fichte, Schelling e Hegel, os filósofos, em contrapartida, “afastaram-se demais das vias que seguia o conhecimento científico; [...] não as tiveram em conta nem como ponto de partida, nem como ponto de chegada”. (MORENTE, 1930, p. 273). Ainda, como destaca Morente (1930) corroboraram para que se instaurasse em decorrência disso, uma atmosfera de ceticismo e de hostilidade com relação ao saber filosófico, mais precisamente, sobre a possibilidade da metafísica, originando um abismo entre ciência e filosofia.

Esse abismo filosófico, como sabemos, foi ocupado por uma ciência de orientação positiva com a categórica recusa das questões metafísicas. Sobre essa questão comenta Husserl (2012) que a partir da metade do século XIX, toda compreensão do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas e se deixou “cegar” pela *prosperity* a elas devida. É famoso o comentário de Husserl na §3 da “Crise” que afirma: “Meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos”. (HUSSERL, 2012, p. 3)

A crítica de Husserl não deve ser entendida como uma desvalorização da ciência e nem contra o progresso técnico e, sim na revisão fundamental e radical do conceito de ciência e de racionalidade, bem como na explicitação da oposição radical entre técnica e humanidade dos nossos tempos. Não há técnica sem uma fundamentação humana, o que significa afirmar que seria inconcebível compreender o humano a partir da técnica. Dessa maneira, o que está em crise é o sistema de valores e ideais sobre o qual se construiu a chamada modernidade científica. É a própria vida que é atingida, como argumenta Henry, “são todos os seus valores que tremem, e não só a estética, mas também a ética, o sagrado – e com eles a possibilidade de viver o dia-a-dia”. (HENRY, 2012, p.22).

A ciência moderna efetuou enormes progressos, nisso não há dúvidas, porém precisou fragmentar-se em uma “proliferação de pesquisas, cada uma com sua própria metodologia, aparelhos conceituais, objetos”. Com isso, afetou a unidade do saber e o princípio de concordância, porque se essa “prática se revela eficaz para um dor de dente, ou para o conserto de uma máquina, não fornece ainda qualquer visão de conjunto sobre a existência humana e sua destinação, visão sem a qual é impossível decidir o que é preciso fazer em cada caso...”. (HENRY, 2012, p.23).

Seguindo essa crítica, Gómez-Heras (1989) destaca que para Husserl o problema das ciências e da razão contemporânea produziu três sintomas fundamentais: a invasão crescente dos métodos praticados pelas ciências naturais; o relativismo cético que prescinde das questões que dizem respeito à existência humana e à desvalorização crescente da razão a favor da cientificidade por parte da filosofia. Ao mesmo tempo, Husserl (2012) apontou nesse radicalismo consequências não só na vida humana, mas principalmente nas próprias ciências, sendo elas: a falta de unidade nas ciências, o fracasso de uma ciência universal e uma desorientação da técnica. Essas são consequências que percebemos claramente como sintomas presentes em nossas diversas ciências, até mesmo nas ditas naturais, como a física e a fisiologia. A física, citando como exemplo, em não conseguir conciliar alguns pontos fundamentais de suas problematizações e a fisiologia em proliferar várias especialidades particulares, muitas até carentes de vínculos, em um mundo reduzido a um complexo de coisas fatídicas.

No âmbito do diagnóstico da crise das ciências europeias, podemos também dizer que a crise da ciência moderna afetou não só as ciências naturais, mas também as recentes ciências do espírito ou humanas. Afetou-as justamente por serem ciências que nasceram assumindo em suas metodologias a crise estabelecida, mantendo em suas



constituições metodológicas uma sutil fronteira entre a objetividade e a subjetividade. De igual modo, afirma Husserl (1936) que “ofuscados pelo naturalismo” (embora algumas combatam verbalmente), “os cientistas do espírito têm descuidado completamente até a colocação do problema de uma ciência pura e universal do espírito”. (HUSSERL, 1936, p. 62). Os cientistas do espírito têm abandonado os temas que realmente deveriam lhes interessar, ou seja, as questões supremas do ser humano. Todos eles esqueceram que a ciência da natureza vem da atividade espiritual humana e sob esse aspecto pertence – como os processos espirituais – às ciências do espírito. E ainda mais, seria um absurdo considerar a natureza como algo em si e por si, alheio ao espírito, e insistir na fundamentação da ciência do espírito a partir da ciência da natureza, fazendo-a pretensamente exata, natural, objetiva ou reduzindo-as apenas as probabilísticas.

Em concordância ao argumento de Husserl, nos parece um contrassenso subordinar a vida do espírito à natureza, se a própria vida espiritual é produtora do sentido e da concepção de ciência e de natureza. Mesmo que para os cientistas positivistas/materialistas a oposição esteja superada, estabelecendo essa superação pela semelhança ao invés das diferenças, mantem-se, ainda, a superioridade do método quantitativo sobre o qualitativo entre as duas concepções de ciência.

É nesse ambiente epistemológico que se configura a crise que Husserl anuncia, já que permanece no filósofo um conceito de filosofia bastante rigoroso, qual seja, a de um:

[...] conhecimento fundamentado sobre a evidência e organizado hierarquicamente em um sistema unitário; saber autônomo, tanto em método como em conteúdo, a respeito das ciências particulares e destinado a servir de fundamento às mesmas; teoria com implicações éticas, enquanto que a ela está confiada a tarefa de orientar a existência humana e de conferir sentido ao

acontecer histórico; saber, finalmente, que dada a peculiaridade de seus conteúdos, exige uma metodologia específica, não pedida de empréstimo às ciências da natureza. A filosofia consistiria em um conhecimento de fundamentos últimos, destinado a proporcionar as bases teóricas de qualquer atividade científica ou prática. (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 38)

Com a inversão ocorrida, a filosofia como saber primeiro ou como ciência primeira, deixa de sê-la para dissolver-se em uma epistemologia científicizada, levando algumas de suas questões (disciplinas) a se tornarem ciências. Isso fez com que, conseqüentemente, a filosofia deixasse de se apresentar como um solo comum dos saberes concernentes ao homem. Desprovida daquilo que a constituía, fundamentava, a ausência de uma concepção de “filosofia como ciência primeira” acabará por desmontar, também, as bases sobre as quais a humanidade ocidental um dia se construiu com sentido, justamente, a partir de uma razão absoluta. E assim, para Husserl (2012) isso determinou nada mais que a perda da fé na razão, o que significou para o homem o desaparecimento da fé em si mesmo, naquilo que essencialmente lhe constitui.

No momento em que a filosofia “pedia perdão pela sua existência, renunciando aos seus próprios problemas” (MORENTE, 1930, p. 275), chegamos a um uso falido da razão, em que sendo ela também puramente técnica, procedimental, experimental, fez com que temas como a verdade, o sentido da existência humana, a finalidade histórica escapassem de seus domínios. Configurou-se naquilo que Husserl (2012) chamou de “ingenuidade racionalista” em que o “ser objetivo é o ser em si”<sup>3</sup>, assim, os cientistas carecem de respostas para orientar o

<sup>3</sup> É importante salientarmos que a posição de Husserl não representa um anticientifismo, ao contrário, em sua obra “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” ele explicita o crescimento e desenvolvimento das ciências naturais, bem como sua importância para a construção do mundo tecnológico e a partir dele todos os benefícios possíveis.

homem enquanto sujeito que usa e abusa de sua liberdade, e não têm competência para assinalar as razões ou as desrazões do que acontece ao haver se desinteressado da teleologia da história.

A despeito do que se tentara na antiguidade e no período medieval, em que filosofia, vida e ciência caminhavam juntas, na modernidade o distanciamento entre filosofia e ciência, sobretudo, o ceticismo acerca de uma filosofia de alcance universal e a recusa da filosofia por sua possibilidade de cientificidade, fez com que a unidade da razão se desintegrasse em cada vez mais saberes e saberes particulares “interessados unicamente pela facticidade da parcela da realidade que investigam, se se desentendem dos problemas concernentes ao homem, perdendo toda função e significado humanista”. (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 44).

Husserl (2012) nos mostra que é a partir deste cenário que se pode considerar a falência da filosofia e o surgimento de pseudofilosofias, como os movimentos irracionistas, cujas brechas possibilitou emergirem saberes, tais quais: o historicismo, psicologismo, sociologismo, teoria de cosmovisões, místicas e etc. Todas elas, segundo Husserl (2012), são caracterizadas por um método de rígida causalidade natural, objetificação e naturalização da realidade, bem como do sujeito e de todo um conjunto que, em suma, leva à conclusão de que a esfera positivista é: “o renegar da reflexão”. (HABERMAS, 1987), à medida que “o sujeito não é reduzido a objeto sem perder sua qualidade de sujeito.” (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 56)

Daí que, para o estudioso das obras de Husserl, Guillermo Vásquez, ao que tudo indica, a crise para Husserl significa bem mais do que uma problemática epistemológica, ou a tentativa de correção de uma metodologia científica. O que ela significa, antes de tudo, é que hoje o **mundo-da-vida**: “está colonizado por uma concepção unilateral de ciência, de técnica e tecnologia, que o despoja de seu sentido mais

pleno como lugar, contexto e fonte de recursos da experiência humana vital com seus interesses materiais, humanos, políticos e artísticos.” (VÁSQUEZ, 1999, p. 134).

A este propósito, teorizar a experiência abdicando-a do lugar em que encontra recursos para sua significação equivale a dizer que “a realidade aparece velada pela formalização e se tende a criar uma realidade substituta, que vem ocupar o lugar da experiência concreta. (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 60). Concorda Habermas (1987) dizendo que o **mundo-da-vida** representa um contexto não passível de fragmentações, e as consequências de um desvio desta concepção faz com que reconhecemos a empreitada husserliana como valorosa, motivo pelo qual o fez a situação da filosofia mudar quando Husserl converteu o **mundo-da-vida** em tema.

A proposta de Husserl (2012) para se analisar a crise merece um lugar privilegiado na filosofia, porque além de diagnosticar a crise da humanidade que persiste até os nossos dias, também identificou uma possível superação ou uma renovação das ciências com o advento da Fenomenologia Transcendental. Para fazer frente à crise das ciências enquanto crise de fundamentos, Husserl (2012) reivindica a reconciliação entre estas e a filosofia, mais especificamente a filosofia fenomenológica. Em que pese o retorno à filosofia como saber fundamental, o que significa para a Fenomenologia, em última instância, o caminho de recuperação da subjetividade a partir do resgate do **mundo-da-vida**. Nesse sentido, “[...] a filosofia aparece impulsionada pelo ideal de racionalidade e aspira construir um sistema global de interpretação da realidade, e validade universal e livre de qualquer forma de utilitarismo prático ou de subjetivismo relativista”. (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 42).

Na concepção de Husserl é com essa nova filosofia, a Fenomenologia Transcendental, que se acessará definitivamente à subjetividade

enquanto tal, por meio do método fenomenológico. Só assim podemos transcender a crise das ciências e retomar o sentido da humanidade em sua motivação originária. Ainda, é com a Fenomenologia Transcendental que teremos a possibilidade de retomar um novo sistema de relações entre a subjetividade e a objetividade, evitando a ruptura entre sujeito/objeto e mundo vivido e mundo teórico.

A Fenomenologia de Husserl (2008) surge assim não só como um método filosófico capaz de apreender e refletir as ciências em crise, mas também como uma única filosofia transcendental possível, no resgate de um autêntico projeto da modernidade. Trata-se de um saber universal capaz de levar a cabo um projeto filosófico que compreenda as estruturas universais da subjetividade. É um giro filosófico que visa corrigir a inversão positivista, reorientando o espírito humano à esfera do **mundo-da-vida** em detrimento de um mundo abstrato referido às idealidades matemáticas.

Desse modo, Husserl propõe um novo método à Filosofia que tenha acesso direto à subjetividade, evitando a ruptura entre objeto e sujeito e as confusões de limites. Husserl em 1927, define em um texto para a Enciclopédia Britânica que a Fenomenologia: “designa um novo método descritivo que surgiu na filosofia no começo do século [XX], e uma ciência apriorística que se desprende dela. Ela está destinada a fornecer o órgão fundamental para uma filosofia rigorosamente científica e a possibilitar, em um desenvolvimento consequente, uma reforma metódica em todas as ciências [...]”. (HUSSERL, 1990, p. 59).

Husserl vai chamar esse novo método descrito de método fenomenológico, cujo princípio fundamental é o de reconduzir a nossa atenção às “coisas mesmas” (*Zu den Sachen selbst*). Isso significa que devemos dirigir nossa atenção diretamente ao fenômeno, ou seja, a tudo aquilo que aparece imediatamente à consciência (vivência).

No entanto, para o acesso imediato aos fenômenos é preciso dar um primeiro passo metódico, pois para que possamos reconduzir-nos aos fenômenos é fundamental que deixemos de lado ou “fora de circulação” às teorias ou conceitos teóricos sobre eles. Esse primeiro passo Husserl denominou de *Epoché* que, como explica Edith Stein<sup>4</sup>, consiste em “deixar de lado o quanto for possível o que ouvimos e lemos ou o que nós mesmos produzimos, a fim de se achar a melhor solução para a situação. Isso para, por assim dizer, acercarmo-nos das coisas com um olhar livre de preconceitos e poder absorver-nos da intuição imediata”. (STEIN, 2003, p. 33).

Devemos destacar aqui a importância da intuição/percepção no método fenomenológico, pois como vimos acima, a “epoché fenomenológica” deixa “livre” para “poder ver” às coisas mesmas. Na investigação fenomenológica a intuição/percepção é o elemento fundamental na construção do conhecimento porque, para Husserl (2006), é só com a intuição/percepção que se dá a “autopresentificação originária” (*originale Selbstdarstellung*). Para o filósofo em qualquer um dos modos de intuição/percepção, o que é dado (*das Gegebene*) se dá “em pessoa”, ou seja, ele mesmo (*es Selbst*) em “carne e osso e em suas várias maneiras de aparição. Na § 99 das “Ideias para uma

4 Edith Stein (1891-1942) foi uma filósofa, educadora e teóloga. De família judia, nasceu em Breslávia, Alemanha (atual Wrocław, Polônia), convertendo-se posteriormente ao catolicismo e tornando-se carmelita descalça. Stein foi a primeira mulher a defender uma tese de doutorado em Filosofia na Alemanha, cujo trabalho foi “Tratado sobre a Empatia” (1918), orientada pelo filósofo Edmund Husserl. Além disso, foi discípula e assistente de Husserl, transcrevendo vários textos importantes do fenomenólogo e autora de diversos textos filosóficos, tais como: “Sobre o Estado”, “A Estrutura da Pessoa Humana”, “Psicologia e Ciências do Espírito”, “Da vida de uma família judia” (texto autobiográfico e histórico), “Ser Finito e Ser Eterno”, entre outros. Foi morta pela perseguição nazista no campo de concentração de Auschwitz em 1942. Em 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo papa João Paulo II, como Santa Teresa Benedita da Cruz e Patrona da Europa.

Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica”, descreve Husserl:

Em sua própria essência fenomenológica, a presentificação remete à percepção: por exemplo, recordar-se de algo passado implica – como já anteriormente observamos -, ‘ter percebido’; portanto, de certa maneira, a percepção ‘correspondente’ (percepção do mesmo núcleo de sentido) é trazida à consciência na recordação, mas não efetivamente nela contida. A recordação é, precisamente em sua essência própria, ‘modificação de’ percepção. Correlativamente, o caracterizado como passado se dá em si mesmo como ‘tendo sido presente’, portanto, como uma modificação do ‘presente’, que, enquanto não-modificado, é precisamente o ‘originário’, o ‘presente em carne e osso’ da percepção. (HUSSERL, 2006, p. 230)

Com a presentificação dada daquilo que se mostra é possível passarmos para o segundo momento do método, ou seja, captar e “olhar” para o essencial ou, o que Husserl denominou como “redução eidética”. Uma vez que a intuição/percepção nos permitiu a imediatez do fenômeno por ele mesmo, ou seja, em sua “autopresentificação originária”, nos é dado então, a captação daquilo que ele é, a sua essência nos vários modos de se presentificar. Comenta Stein que “a intuição não é somente a percepção sensível de uma coisa determinada e particular, tal como é aqui e agora. Existe uma intuição do que a coisa é por essência e isto tem um duplo significado: o que a coisa é pelo seu ser próprio e o que é por sua essência universal”. (STEIN, 2003, p. 23).

Esse processo metódico de captar o essencial, garantindo a evidência daquilo que se analisa, Husserl denominou de método fenomenológico-eidético. A fenomenologia eidética é uma ciência eidética, porque se caracteriza em ser uma “visão” direta às próprias coisas, recolhendo delas a “composição eidética”, via intuição/percepção, cujo propósito consiste em começar por aquilo que é originariamente (*Originär*) como

fundamento de todo o conhecimento. Só assim teremos a garantia daquilo que se mostra: a essência<sup>5</sup> da manifestação, conduzindo-nos ao caminho das evidências (*Urevidenz*).

### O MUNDO-DA-VIDA (*LEBENSWELT*) COMO SUPERAÇÃO DA CRISE E RENOVAÇÃO DA FILOSOFIA E DAS CIÊNCIAS

Nas análises histórico-teleológicas<sup>6</sup> da crise, Husserl conduz a Fenomenologia como possibilidade racional e rigorosa de se recuperar o **mundo-da-vida** e a subjetividade transcendental, fundamentos esses que assumirão o ponto radical de toda sua reflexão. Husserl aspira mostrar como a Fenomenologia é capaz dessa tarefa, sendo que a “reflexão fenomenológica pretende libertar o **mundo-da-vida** da visão unilateral da ciência, técnica e tecnologia, para abrir caminho a outras formas de expressão que podem dar razão dos fenômenos sociais e estéticos em discursos mais complexos, quem sabe menos exatos, contudo mais compreensivos, que os mesmos discursos da ciência positiva”. (VÁSQUEZ, 1999, p. 134). Merleau-Ponty (1973), concorda com essa ideia, anunciando a Fenomenologia como portadora de uma vontade dupla, que é coligir todas as experiências concretas do homem e não apenas as experiências do conhecimento,

5 Husserl entende “essência” (*Eidos*) como tudo “aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é. Mas cada um desses ‘o quê’ ele é, pode ser ‘posto em ideia’”. (HUSSERL, 2006, p. 35)

6 Goto explica que a forma como Husserl abordará a história da filosofia e a constituição da ciência moderna na *Crise* não será a partir da facticidade histórico-causal. Ao contrário, Husserl descreverá a história de forma histórico-teleológica, ou seja, compreendendo-a a partir de sua gênese e constituição de sentido e das necessidades dos problemas. Diz Husserl (2012) na §7 da “Crise”: “É claro que é necessário um penetrante estudo retrospectivo histórico e crítico para, antes de quaisquer decisões, cuidarmos de uma autocompreensão radical: e isto por meio de uma pergunta retrospectiva por aquilo que originariamente e alguma vez se quis como filosofia, e que assim continuou a ser através de todos os filósofos e filosofias que historicamente estiveram em comunhão...”. (GOTO, 2008, p. 13)



com as experiências de vida e humanidade, tais como se apresentam na história e na cultura.

A Fenomenologia tem a intenção de encontrar uma ordem espontânea, um sentido e uma orientação da existência humana, retomando o rol da subjetividade transcendental, expostas nas evidências pré-científicas e pré-lógicas do **mundo-da-vida**. Em síntese, o que Husserl pretende com a Fenomenologia Transcendental, nesse momento, (e com a Psicologia Fenomenológica) é responder sobre a perda de sentido humano da ciência com a resubjetivação do mundo, isto é, do sentido imediato do mundo.

É nessa empreitada que Husserl (2012), a partir do método fenomenológico-generativo<sup>7</sup>, reconduz a reflexão filosófica para a história epistemológica da filosofia e da ciência a partir da gênese histórico-teleológica. Sua intenção é mostrar que a filosofia moderna e a ciência fracassaram na busca de uma fundamentação radical e, no momento em que perderam a fé na razão, assumiram a visão objetivista e/ou incluíram uma filosofia irracional em seus sistemas. Esse fracasso representou para Husserl uma falência da filosofia e que produziu consequências graves em nossos tempos, como cita Gómez-Heras (1989): o surgimento das ideologias e cosmovisões de caráter irracional; a ruptura do vínculo entre filosofia e ciência; o abandono do ideal de ciência universal e unificada e o crescente ceticismo por parte da ciência.

Ainda, a falência da filosofia e o crescente objetivismo da ciência fizeram com que se esquecesse da evidência mais originária de suas

<sup>7</sup> A Fenomenologia Generativa constituiu a última fenomenologia exposta por Husserl. Essa análise fenomenológica foi desenvolvida a partir do **método generativo** que foi sintetizada e reunida na "Crise" ("Krisis"), porém não recebeu ainda tantas considerações de sua aplicação nos temas fenomenológicos, justamente pelo seu aparecimento tardio. Para Husserl (2012), a dimensão generativa corresponde ao horizonte histórico e coletivo, indo além do contexto individual e interindividual, promovido pela fenomenologia genética.

reflexões: o **mundo-da-vida**. O **mundo-da-vida** é o lugar em que se origina a experiência pré-científica, ou seja, a experiência não-teórica, mais originária, evidente e universal que implica a experiência mesma da subjetividade. Na concepção de Husserl (2012) o **mundo-da-vida** é o lugar onde se dão as experiências absolutas, as experiências puras, originárias, antipredicativas, pré-linguísticas e pré-conceituais. Sintetiza Gómez-Heras, que o **mundo-da-vida** é:

o mundo de onde se nasce e morre; se herda uma tradição cultural; se comunica uma linguagem (língua) e se convivi com os outros. O mundo-da-vida é configurado historicamente por um passado e um presente, transmitidos por tradições e expressados pela linguagem. É o mundo de nossa cotidianidade, cujo horizonte nos enquadrados para nos orientarmos e, por sua vez, tecemos as relações sociais nas quais nos relacionamos uns com os outros. (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 249).

Nesse sentido, a nova tarefa da Fenomenologia consistirá no retorno ao **mundo-da-vida**, buscando recuperar metodologicamente a origem de todas as experiências, própria automanifestação da subjetividade transcendental. Voltar às coisas mesmas, como adverti o método fenomenológico, consiste aqui no retornar ao mundo prévio às teorizações, a um mundo que é vivo, originário e de onde parte toda posterior idealização científica. Assim, para Husserl (2012) a tarefa da Fenomenologia é recuperar a mundo das experiências originárias, pré-científicas e constituí-lo em argumento de uma ciência universal fundamental, pois só no **mundo-da-vida** é que está o "reino das evidências originárias". No texto "O mundo-da-vida – explicitações do mundo pré-dado e sua constituição" (*Die Lebenswelt. Auslegung der Vorgegebenem Welt und ihrer Konstitution*), textos que datam de 1916 a 1937, Husserl afirma que: "O mundo nos é pré-dado. Se dirigirmos nosso olhar direta e ativamente até algo qualquer, este já estava aí,

afetando-me, motivando-me para “voltar-se para” e, assim pode agora ser diretamente captado.” (HUSSERL, 2008, p. 26).

Então, se a tarefa epistemológico-fenomenológica é a de retornar ao **mundo-da-vida**, mundo das experiências originárias, deve-se, em primeiro lugar, identificar o que Husserl compreendeu por experiências (ou vivências), uma vez que o **mundo-da-vida** é o mundo das vivências originárias. Segundo Husserl (2007) a experiência ou vivência será tudo aquilo que vivemos, ou seja, tudo aquilo de que temos consciência e que por ela registramos algo. Contudo, ter consciência aqui não significa somente estar ciente daquilo que se vive, mas sim, em “darmos conta” daquilo que se vive. A vivência de algo é a vivência de um sujeito que vive no mundo, porque o homem: “a) sempre encontra o mundo como algo pré-dado e pré-existente; b) encontra-se a si mesmo nesse mundo; c) mas, essa vivência, onde o homem encontra o mundo e a si mesmo, é a vivência de um sujeito que possui vivências das coisas como experiência mais originária da consciência”. (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 211).

Ainda, para Husserl (2007) a vivência significa a própria expressão dos atos (atos intencionais) sobre a qual é construído os saberes sobre a vida. Podemos entender as vivências também como modos peculiares de doação imediata da vida, já que são autoexperiências intuitivas pelas quais surgem os fenômenos. Nesse sentido, podemos afirmar que o **mundo-da-vida** apresentar-se-á de modo imediato nas vivências, sendo aí o princípio apodítico capaz de fundamentar o saber fundamental, tanto da filosofia, quanto das ciências em geral.

Esse princípio deve ser recuperado com urgência, porque segundo Husserl, só no **mundo-da-vida** o “mundo que me aparece deve ser para nós um mundo em que o estrato fundamental aparece imediatamente. O mundo deve estar pré-dado de tal maneira que pode o estrato

fundamental chegar a dar-se imediatamente a nós”. (HUSSERL, 2008, p. 30) E ainda, porque “o que nos aparece perceptivamente de modo imediato fundamenta logo a percepção do mediato, que é justamente a percepção mediata, fundada. O universo dos objetos que nos são dados pura e simplesmente como **imediatamente** experienciáveis (imediatamente legitimáveis na percepção original), e que devem ser dados é a natureza.” (HUSSERL, 2008, p. 30 – grifos do autor).

#### A CONSTITUIÇÃO DE UMA GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA: UMA FUNDAMENTAÇÃO A PARTIR DO MUNDO-DA-VIDA (*LEBENSWELT*)

Sem avançar muito na discussão da crise das ciências, **mundo-da-vida** e a Fenomenologia passemos, então, à seguinte questão: a Geografia, como ciência moderna, objetiva e natural, também foi afetada pela crise das ciências anunciada por Husserl em sua obra “Crises das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental”? Como é sabido, a Geografia se constituiu como ciência moderna em meados século XIX sendo, então, a ciência que se ocupará do conhecimento espacial terrestre, dos fatos geográficos. Esse conhecimento de cunho empírico passou a ser fundado no método científico (positivista) no qual todo estudo geográfico se restringiu ao concreto, visível, real, mensurável e palpável do espaço e de suas derivações. Como observa John Pickles (1985), os geógrafos passaram a ser treinados como geólogos, botânicos, cartógrafos, buscando um consenso metodológico quantitativo. Com fins de generalização e objetivação dos fatos geográficos, os geógrafos adotaram definitivamente o modelo positivista e com isso passaram a reduzir todos os fenômenos geográficos a um mundo da mecânica newtoniana e dos espaços euclidianos pré-determinados, ou seja, de um “reducionismo geográfico”.

Pautados na crítica de Husserl às ciências, podemos deduzir aqui que a Geografia, ao se constituir como ciência natural, como outras ciências, estabeleceu-se também em meio a crise anunciada pelo fenomenólogo, pelo simples fato de aceitar a concepção positivista de que o verdadeiro ser é o ser objetivo. O saber científico, como explica Gómez-Heras (1989), opera com o pressuposto de que as coisas em si possuem uma entidade determinada, idealizando assim um possível conhecimento absoluto sobre tal realidade. Ainda, que todo o conhecimento deve ser fundado pelo conhecimento da física e da matemática (Geometria), excluindo por princípio todos os processos humanos, subjetivos e relativos. De igual modo, a Geografia passou a ser uma ciência emergente por aceitar ingenuamente<sup>8</sup> os pressupostos naturalistas, deixando de lado e ocultando a verdadeira origem de seu saber, ou seja, a relação vivencial do homem com a terra (natureza); a sua percepção imediata do espaço, do tempo, da terra, da paisagem e do habitar.

A geografia científica leva em consideração apenas a medida, a observação objetiva e os procedimentos técnicos (intervenções naturais), deixando de lado todo processo humano de correlação subjetiva e objetiva. Ignora a vivência do saber imediato que o humano tem com a terra (natureza) e suas configurações. Ainda, o que seria talvez mais grave: pautada na ciência moderna, a geografia como científica passa a se considerar como instituidora de um único saber, “segundo os rumos de uma necessidade observável e plenamente inteligível”, provocando “a subversão de todos os demais valores e, desse modo, da cultura e, assim da humanidade do homem”. (HENRY, 2012, p. 24).

8 O termo “ingênuo” é aqui usado segundo o sentido que Husserl dá ao termo no texto “A ingenuidade da ciência” (“*Die Naivität der Wissenschaft*”). Para Husserl as ciências são ingênuas porque não tematizam a razão, mantendo-a pressuposta, além de desconsiderarem a historicidade que as acompanham.

Vimos com Husserl que esse único saber que a ciência pretende a si mesma é ingênuo por não se perceber como um saber fundado originalmente na vivência no **mundo-da-vida**. Podemos dizer, contrariando a posição natural, que toda a atividade científica geográfica vem das experiências originárias, pré-dadas, da relação do homem com a terra, com sua paisagem, com seu tempo e sua história, porém ingenuamente ignoradas. É da vivência original no **mundo-da-vida** que o ser humano tem a sua existência concreta, onde atua, edifica seus projetos e se realiza como um homem técnico, político, ético, religioso e científico.

É a partir dos processos humanos, perceptivos/subjetivos que o humano revelará os significados e que só a partir deles é que se poderá refletir e construir um saber objetivo coerente. A experiência originária é prévia a qualquer idealização científica, porque como vimos, a vivência é sempre o modo mais imediato de dar-se no **mundo-da-vida**; é o modo mais peculiar de doação imediata de sentido. Assim, é a partir da vida subjetiva, e não o inverso, que se criam as idealidades e abstrações da ciência. Disso resulta: “uma realidade tão simples quanto um cubo ou uma casa que não é uma coisa que exista fora de nós e sem nós, de algum modo por si mesma, como o substrato de suas qualidades. Ela só é o que é graças a uma atividade complexa da percepção que coloca, além da sucessão de dados sensíveis que temos, o cubo ou a casa como polo idêntico ao qual se referem todas essas aparições subjetivas”. (HENRY, 2012, p. 30).

Nesse sentido, impõe-se para uma renovação científica, coerente com a existência humana, uma geografia que busque uma fundamentação não mais a partir das qualidades dos objetos naturais, mas, ao contrário, que leve em consideração os processos subjetivos de constituição dos objetos das vivências originárias. Essa geografia deve focar sua reflexão inicialmente a partir da vida cotidiana; vida essa em

## Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica

Tommy Akira Goto

que não prestamos atenção, mas que é a vida que flui como consciência constituidora do mundo e do ambiente habitual. Como exemplo disso, diga-se que por atitude natural sempre somos levados ao estudo da casa percebida (objeto da percepção), porém não questionamos a nossa percepção da casa. “Sempre temos consciência do mundo, como explica Henry, e jamais consciência de nossa consciência de mundo”. (HENRY, 2012, p. 30).

Assim, impõe-se a necessidade de constituir uma nova geografia, uma renovação na Geografia, que retome o sentido da humanidade, a partir de um saber unificado. A essa nova geografia poderemos denominar de **Geografia Fenomenológica** ou uma **Geografia Eidética**<sup>9</sup>, cujo intuito está na recondução da reflexão aos princípios da realidade humana subjetiva-objetiva; que terá como reflexão primeira os modos originários de relação com o **mundo-da-vida** (vivências originárias) e que buscará superar a unilateralidade do objetivismo científico na recuperação do sentido da ciência e da crise atual.

O geógrafo Edward Relph percebeu a necessidade dessa fundamentação e, em seu texto de 1976, “Lugar e Lugar-Sem-Lugaridade” (*Place and Placelessness*), afirma que “os fundamentos do conhecimento geográfico residem nas experiências diretas e da consciência que temos do mundo em que vivemos”. (RELPH, 1976, p. 5). Essa necessidade é confirmada pelo Werther Holzer, um dos precursores da Geografia Humanista/Fenomenológica no Brasil, quando concorda que foi com a fenomenologia e o método fenomenológico que a geografia passou a abordar rigorosamente os

<sup>9</sup> O nome Geografia Eidética pode ser estabelecido pelo fato de se constituir como uma ciência *a priori* e não-empírica. Significa ser uma ciência das essências geográficas (de caráter **hylético-noemático**), cujo fazer só se dá de caráter intuitivo e descritivo. A Geografia como uma ciência *a priori* e **eidética**, significa, em sentido pleno, que deva ser fundada como uma ciência das universalidades (necessidades essenciais) das vivências noemáticas. Isto é, que se estabeleça como uma ciência das essências universais dos objetos intencionais e dos objetos tal “como” são intencionalizados.

aspectos subjetivos da espacialidade. O método fenomenológico, explica Holzer (1992), é utilizado para se fazer “uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as ‘essências’ da estrutura perceptiva”. (HOLZER, 1992, p. 11-12).

Ainda, identificando outros estudiosos que também reconhecem a necessidade de uma fundamentação fenomenológica, Relph cita Christiaan van Paassen que em 1957 afirma:

a ciência geográfica tem de fato uma base fenomenológica, isto é, procede de uma consciência geográfica. Por um lado, o geógrafo desenvolve essa consciência e diz que a sociedade sabe de geografia, mas por outro lado, a emergência do conhecimento geográfico depende da existência de uma consciência geográfica natural e pré-científica [...]; os geógrafos e a geografia existem só em uma sociedade dotada de um certo “sentido geográfico”. (PAASSEN apud RELPH, 1976, p. 5).

Sobre isso concorda Pickles defendendo no texto “Fenomenologia, ciência e geografia” (“Phenomenology, science and geography”) de 1985, a tese de que o alicerce da geografia consiste no estudo fenomenológico do campo da experiência. Nesse texto, Pickles (1985) define que a tarefa do geógrafo é a de descrever e de tematizar a experiência geográfica em si mesma como um fenômeno. Para o autor, a geografia, fundada na Fenomenologia, irá: “a) limitar-se a uma atitude ligada ao mundo tal como ele é [*Lebenswelt*], b) enfatizar a metodologia descritiva, e des-enfatizar, ou interpretar de forma diferente, a natureza da redução, do ato de ‘colocar entre parênteses’ e da abstração usada na Fenomenologia, c) focalizar a experiência primária (originária) da Fenomenologia como fundamento das ciências e com a constituição de seus objetos de interesse, d) voltar-se para o mundo vivido como ‘objeto’ de estudo e como experiência cotidiana,



vivida, do mundo, e e) começar a referir-se à tarefa de Fenomenologia como a descrição das ‘coisas como elas são’’. (PICKLES, 1985, p. 45).

No entanto, a necessidade de uma fundamentação vivencial e radical nas ciências geográficas (espaciais e temporais) não foi uma exclusiva constatação dos geógrafos contemporâneos. Husserl já indicava em alguns de seus textos o direcionamento para uma “concepção geográfica fenomenológica”, apesar de não citar diretamente ou de ter concebido esse nome. Essa indicação pode ser percebida em dois textos em que Husserl analisa as ciências naturais (Geometria e a Astronomia), a partir da análise fenomenológica histórico-vivencial, cujo intuito está em resgatar a vivência originária intuitiva-subjetiva do **mundo-da-vida** no processo de abstração e conceituação das ciências que se relacionam com a natureza, a terra, o espaço e o tempo.

Um texto de Husserl em que percebemos indicações temáticas às questões geográficas é “A origem da Geometria”, publicado como anexo (anexo III ao § 9a<sup>10</sup>) da obra “Crise”, cuja importância se faz pela extraordinária riqueza de conteúdo e análise histórico-científica. Nele, Husserl pretendeu, além dos questionamentos da física e das reflexões de Galileu, buscar a origem da geometria no seu sentido comunitário e para a vida. “Não podemos dirigir o nosso olhar somente para a geometria transmitida como pronta, e para o modo de ser que o seu sentido tinha no seu pensar”. (HUSSERL, 2012, p. 292). Isso significa que sua análise não partirá dos dados históricos e tradicionais dos fatos humanos, a partir dos quais olhamos para as práticas humanas com uso de estratégias intelectuais do conhecimento. Ao contrário, o filósofo tratará da origem da geometria partindo da questão em retrocesso, ou seja, até o “sentido originário” da geometria, de sua manifestação

a partir de princípios lógicos da subjetividade transcendental em sua correlação com o **mundo-da-vida**. “As nossas observações, explica Husserl, levantarão necessariamente os mais profundos problemas de sentido, problemas de ciência e da história da ciência em geral, e mesmo, finalmente, problemas da história universal em geral”. (HUSSERL, 2012, p. 292).

Segundo Husserl é fundamental que aqui compreendamos “o modo de ser persistente da geometria”, sua motivação originária, sentido e sua historicidade. Porque, conforme analisa Bicudo, Husserl pretendeu interrogar sobre aquilo que é mais fundamental na Geometria, ou seja, “saber a respeito do ato original do ser conhecedor que deu origem a ela, bem como quer saber o que permite que ela se perpetue como tal, objetivamente através dos tempos, ainda que seja elaborada na subjetividade daquele ser.” (BICUDO, 1990, p. 58).

Nesse sentido, para Husserl (2012) o que interessa, ao invés de discorrer sobre os teoremas ou demonstrações é, em suma, promover “o questionamento retrospectivo pelo sentido mais originário no qual a geometria surgiu outrora e existiu desde então como tradição milenar, no qual ainda existe para nós e continua viva a trabalhar [...]”. (HUSSERL, 2012, p. 293) Conclui, enfim, que “somos aqui, por assim dizer, reconduzidos até os materiais originários da primeira formação de sentido, até as premissas originárias que residem no mundo pré-científico da cultura”. (HUSSERL, 2012, p. 306).

Da mesma maneira que urgiu em Husserl a necessidade de se pensar retrospectivamente sobre o sentido originário da geometria, como um problema da ciência em geral, podemos inferir que igualmente se faz urgente resgatar retrospectivamente o sentido originário da Geografia. Não é possível pensar uma Geografia que não tenha em seu horizonte de conhecimento a geometria, já que se trata de uma ciência do espaço e de suas configurações. Mas, como vimos não é possível pensar

<sup>10</sup> Esse texto foi publicado originalmente por Eugen Fink, em 1939, intitulado: “A questão acerca da origem da geometria como problema intencional-histórico”, na *Revue Internationale de Philosophie*, Bruxelas, v. 1, n. 2, p. 203-225.

exclusivamente na geometria tradicional. Temos uma afirmação do geógrafo, filósofo Eric Dardel que explicita claramente essa questão quando diz que “antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes [...]. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*geographicité*) do homem como modo de sua existência e de destino”. (DARDEL, 2011, p. 2)

Encontramos Husserl também abordando esse assunto em outro texto em que nos aponta mais diretamente questões geográficas. Trata-se de um opúsculo de 1934, denominado “A Terra não se move”, cuja legenda escreveu-se: “Inversão da teoria copernicana, segundo interpreta a cosmovisão habitual. A arca originária “Terra” não se move. Investigações básicas sobre a origem fenomenológica da corporeidade e da espacialidade da Natureza no sentido científico-natural primeiro. Necessárias investigações iniciais”.

Nesse texto, Husserl (1995) descreve fenomenologicamente a experiência do espaço e do corpo, da Natureza e da Terra, a partir da análise intencional da experiência originária com a Terra. Esses temas são, sem dúvida, mais geográficos que geométrico-astronômicos. No texto, o filósofo conduz suas reflexões às experiências originárias com a Terra, mostrando como nós a vivenciamos originariamente como “centro do mundo”, como um “solo constitutivo” do espaço humano, tendo como referência vivencial o movimento e o repouso dos corpos que adquirem sentido. Nessa descrição fenomenológica, Husserl descreve pelo menos três sentidos de concepção de Terra por nós vivenciada, a saber: a) A Terra como solo de experiências; b) a Terra como corpo físico universal, suporte de todos os corpos e, c) a Terra como um corpo, além dos infinitos corpos do Universo.

Para a ciência moderna ou para “Nós, copernicanos, nós, homens da modernidade” como escreve Husserl, “a Terra não é a ‘natureza inteira’, é um astro no espaço infinito do mundo. A Terra é um corpo esférico, que certamente não se pode perceber em sua integralidade, ou seja, de uma só vez, por um só sujeito.” (HUSSERL, 1995, p. 11) Aqui a concepção de Terra é de ser um corpo celeste que se faz único e exclusivamente a partir dos esquemas científico-filosóficos, indiscutíveis muitas vezes, que concebem a realidade espacial a partir de um sentido natural astronômico moderno.

Mas, se reconduzirmos nossa reflexão às experiências originárias no **mundo-da-vida**, percebemos a Terra e a “natureza inteira” como um astro ou planeta em movimento? Segundo as análises fenomenológicas de Husserl, não. Essa conceituação não condiz à percepção imediata ou a vivência que temos na relação com a Terra. É uma vivência conceitual, mediata. Para o filósofo, ao contrário, em nossas vivências originárias a “Terra mesma é, justamente, um solo e não um corpo físico” e, ainda, “a Terra não se move”. (HUSSERL, 1995, p. 21).

A Terra é um solo, um solo de experiências, porque “sempre está aí em meu poder de caminhar e seguir caminhando sobre o solo da Terra, que é meu solo e que experimento o ser corpóreo de solo de uma forma que de certo modo é, cada vez mais plena”. (HUSSERL, 1995, p. 19) Nesse caminhar os referentes do espaço aparecem na intuição/percepção do espaço, significando tanto como solo da Terra quanto um corpo, nas quais, ambos são dotados de sentido de horizontes pertencentes ao **mundo-da-vida**.

Afirmar que a Terra não se move, continua Husserl (1995), significa dizer que a Terra originariamente é uma “arca originária”, imóvel e que resguarda e possibilita a vida humana. Para o filósofo, o movimento terrestre é uma construção intelectual, já que a vivência originária da consciência da Terra no **mundo-da-vida** é a de tê-la como um solo fixo,

que possibilita o repouso e o movimento das coisas e de nós mesmos. Comenta Husserl que a “Terra é a mesma Terra para todos nós, sobre a superfície da Terra, na Terra, por cima dela, existem todos os mesmos corpos físicos; sobre sua superfície, nela, etc., os mesmos sujeitos governando seus corpos, sujeitos corpóreos, sujeitos de corpos de carne, aos quais os corpos são para todos [...] Para todos nós a Terra é um solo e não um corpo físico em sentido pleno”. (HUSSERL, 1995, p. 27)

O sentido geral do texto é mostrar-nos como a ciência moderna abandonou o **mundo-da-vida** a partir das conceituações de Copérnico e Galileu. No entanto, traz ao mesmo tempo a possibilidade, a partir da Fenomenologia Transcendental, de se compreender a Terra em uma reabilitação do sentido do espaço, da natureza e da Terra enquanto existência corpórea, buscando radicalmente a origem fenomenológica da corporeidade e da espacialidade da Natureza no sentido científico-natural primeiro. Como destaca Merleau-Ponty: “atrás desse mundo [teórico] existe um mundo mais originário, anterior a toda atividade, ‘mundo antes de toda a tese’: é o mundo percebido.” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 120-121).

Esses dois escritos de Husserl, brevemente citados aqui, são textos que tematizam questões e assuntos referentes a uma **Geografia Fenomenológica**, muito aquém de uma concepção geográfica pautada na geometria e na ideia de uma Terra e Natureza científico-objetiva. Uma geografia humana que retome radicalmente a relação homem/natureza, homem/espaço e que possa expressar os autênticos sentidos existenciais e humanos em suas últimas consequências. Cogitamos, assim, que é, sobretudo no desafio de se subverter a essa ordem científica-técnica, que a Geografia e outras ciências modernas devem empreender seus esforços, partindo de uma perspectiva daqueles estudiosos que compreendem que **quem estabelece a humanidade,**

como objetivo a ser atingido, **a partir da situação de desumanidade, de fato, a posterga até o infinito.**

Por isso, concluindo, a **geografia fenomenológica** deve evidenciar a atividade espiritual-racional (fonte originária da experiência geográfica) como um modo de ser essencialmente humano, em que a razão e a liberdade compareçam como elementos centrais. Isso significa problematizar os resquícios positivistas de se pensar e fazer a geografia, reassumindo com a Fenomenologia Transcendental, a atitude basilar de reencontrarmos o caminho até o **mundo-da-vida** como solo originário. ☉

#### REFERÊNCIAS

- BICUDO, Maria Aparecida V. Sobre a “Origem da Geometria”. **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**, São Paulo, vol. 1, p. 49-72, 1990.
- GOMES-HERÁS, José María G. **El apriori del mundo de la vida: fundamentación fenomenológica de una ética de la ciencia y de la técnica**. Barcelona: Anthropos Editorial, 1989. 382p.
- GOTO, Tommy A. **Introdução à Psicologia Fenomenológica: A nova Psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2008. 254p.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. (Trad. José N. Heck) Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. 368p.
- HENRY, Michel. **A Barbárie**. São Paulo: É Realizações, 2012. 168p.
- HOLZER, Werther. **A geografia humanista: Sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: Uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. 456p.

Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de uma geografia fenomenológica

Tommy Akira Goto

\_\_\_\_\_. A ingenuidade da ciência. **Revista Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-670, 2009.

\_\_\_\_\_. **Die Lebenswelt**: Auslegungen der vorgegebenen Welt und ihrer Konstitution. Nova York: Springer, 2008. 1044p.

\_\_\_\_\_. **El artículo de la Encyclopædia Britannica**. (Trad. Antonio Zirióñ). Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990. 184p.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Idéias e Letras, 2006. 383p.

\_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas, Segundo volume, Parte II**: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento. (Trad. Carlos Morujão) Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007. 254p.

\_\_\_\_\_. **La Tierra no se mueve**. (Trad. Agustín Serrano de Haro) Madrid: Editorial Complutense, 1995. (Coleção Excerpta Philosophica) 48p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 452p.

\_\_\_\_\_. **Ciências do Homem e Fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.

MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia**: Lições preliminares. São Paulo: Mestre Jou, 1930. 324p.

PICKLES, John. **Phenomenology, Science and Geography**: Spatiality and the Human Sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 220p.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976. 156p.

STEIN, Edith. **La estructura de la Persona Humana**. Madrid: BAC, 2003. 375p.

VÁSQUES, Guillermo Hoyos. La Fenomenologia Husserliana y el Positivismo Científico. **Estudios de Filosofía**, Antioquia, n. 19-20, fev./ago. 1999. Disponível em: <<http://saavedrafajardo.um.es/WEB/archivos/Antioquia/019-020/Antioquia-019-020-06.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

Submetido em Outubro de 2012.

Revisado em Janeiro de 2013.

Aceito em Junho de 2013.